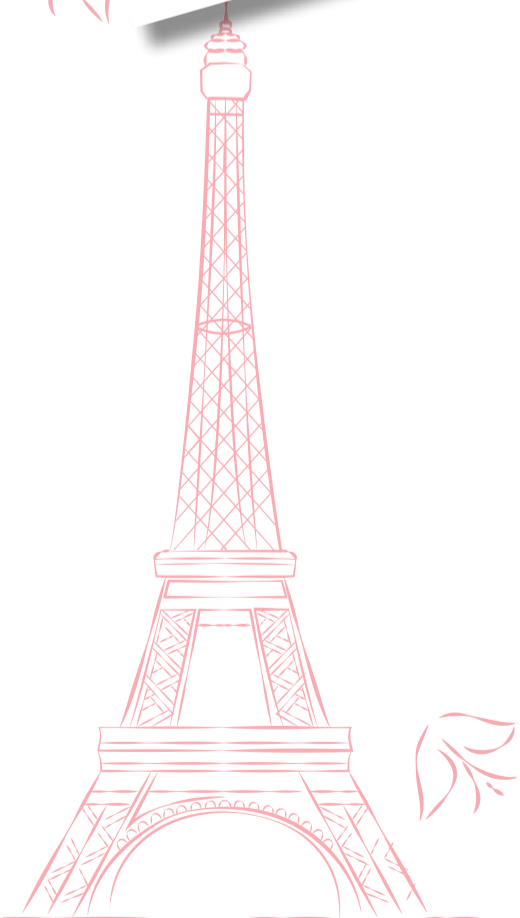


JORNAL DA AduFRJ

1325 • 15 de julho de 2024 • www.adufrj.org.br • TV ADUFRJ: youtube.com/adufrj

ARTE: HIPPERTT SOBRE FOTOS DE REPRODUÇÃO



Paris foi uma festa. No dia 7 de julho, os franceses foram às ruas celebrar a surpreendente vitória da esquerda nas eleições parlamentares. Mas, se há razões para comemorar num primeiro momento, há também muita dúvida no longo prazo. A extrema direita mostrou sua força e o presidente Macron claudica sobre a nomeação de um primeiro-ministro oriundo da vencedora Frente Popular. Os professores Vinícius Liebel, do IH, e Fernando Brancoli, do IRID, analisam esse cenário. E, diretamente de Paris, Pedro Lima, cientista político e docente do IFCS, dá seu testemunho sobre esse vendaval francês.

RELATOS POLÍTICOS DE DIAS E NOITES INTENSOS EM PARIS

ANA BEATRIZ MAGNO
anabiagnomagn@adufjr.org.br

Ele está no lugar certo, na hora certa. Pedro Lima, 42 anos, professor de Ciência Política da UFRJ, está morando em Paris, onde faz o pós-doutorado na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais. Sua pesquisa investiga o crescimento da extrema direita. Nas últimas semanas, o pesquisador vive um momento raro na trajetória de todo cientista social. Seu objeto de estudo está no centro da História. De uma surpreendente história que começou no início de junho com a ascensão de grupos fascistas nas eleições europeias, passou pela dissolução do Parlamento pelo presidente Macron e surpreendeu o planeta com a vitória da esquerda sobre o grupo racista de Marine Le Pen no segundo turno das eleições parlamentares de 7 de julho. Um contagiante thriller político que ainda está longe do epílogo.

A pedido do Jornal da AdUFRJ, Pedro fotografou as ruas de Paris emolduradas pela política em cartazes e murais. Dividido entre a rotina familiar com a filha pequena e os últimos momentos de seu pós-doc, Pedro prestou um interessante depoimento sobre o que está testemunhando na terra da Bastilha.

A seguir, o relato de Pedro com uma breve introdução sobre as forças políticas na França. “Nos últimos meses, acompanhei o dia a dia da política francesa, desde as eleições parlamentares europeias de junho até as eleições para o Parlamento francês. É uma experiência riquíssima, mas já está acabando. Em agosto, volto para as salas de aula do IFCS”.

PRINCIPAIS ATORES

As eleições parlamentares daqui são realizadas em dois turnos.

É preciso explicar essa especificidade do sistema francês: aqui, há segundo turno de eleições parlamentares, que pode ser disputado por três candidatos. O sistema é parlamentarista e as eleições parlamentares ocorrem em cada um dos 577 distritos, cada um com seus respectivos candidatos.

SOBRE AS FORÇAS POLÍTICAS

Na direita liberal, está o presidente Macron. O primeiro-ministro é Gabriel Attal, do mesmo partido de Macron, o Renascimento.

Na Esquerda, está a Frente Popular, Front Populaire. Ela se formou depois das eleições de 9 de junho. Não é um partido. É uma frente de esquerda formada por quatro partidos. Ela reúne grupos que vão desde uma esquerda mais moderada até os mais radicais. São os socialistas, os comunistas, os verdes e a França Insubmissa – liderada por Jean-Luc Mélenchon, um dos principais atores no xadrez político que mobilizou o país nas últimas semanas.

A França Insubmissa é a corrente mais radical e também a mais influente da Frente Popular. O Partido Socialista já foi muito forte e tradicional na França e governou o país, com François Hollande de 2012 a 2017. Mas, depois de 2017, os socialistas estão enfraquecidos.

Na extrema direita, com cores fascistas, está o partido Rassemblement National, liderado por Marine Le Pen, e madrinha política de um dos nomes mais novos do grupo, Jean Bardella, de 28 anos.

PRIMEIRO MOMENTO

Começamos pelo 9 de junho, o primeiro



ARQUIVO PESSOAL

momento dessa história. Foram eleições para o Parlamento europeu. Elas não motivaram as pessoas. Acho que foi assim em todos os países. Particularmente na França, não ocorreram grandes mobilizações. Vi pouca coisa na rua. Até fiz uma foto – ela está aqui na página – de um pôster com o Mélenchon. De resto, foi tudo muito discreto na cidade nesse

primeiro momento.

O resultado dessas eleições foi amplamente favorável para a extrema direita de Marine Le Pen. E é a partir desse resultado que ocorre o que chocou todo mundo e que nenhum observador, nenhuma cientista político, ninguém antecipava: a decisão de Macron, logo na noite de 9 de junho, de dissolver o Parlamento

e convocar novas eleições em três semanas. Foi uma decisão drástica, com um intervalo de tempo mínimo. Em 9 de junho, dissolveu o Parlamento, convocou o primeiro turno da eleição para 30 de junho e o segundo turno para 7 de julho.

CONTER A EXTREMA DIREITA

A partir da decisão de Macron, na noite de 9 de junho, começa uma sensação geral, um imperativo de mobilização para conter a extrema direita. A extrema direita parecia mais forte do que nunca. Ninguém jamais supôs que a extrema direita estivesse tão forte como ela se mostrou nas eleições europeias do dia 9.

Para conter esse crescimento, a esquerda se uniu e formou a Frente Popular.

FRENTE POPULAR

Há uma tradição francesa, desde os anos 90, da formação de blocos chamados de frentes republicanas. São frentes contra o fascismo e contra a extrema direita.

Mas, no caso da Frente Popular de agora, há algo de novo. Não é uma frente republicana como as anteriores. É uma frente só da esquerda. Só de partidos de esquerda. Só de partidos desse campo e espectro político.

Ela é uma frente de esquerda formada para disputar as eleições e conquistar cadeiras no parlamento. É uma frente eleitoral, circunstancial, formada logo depois do 9 de junho, data da dissolução do parlamento.

AS INTENÇÕES DE MACRON

Com a decisão do Macron de dissolver o parlamento, começa um clima bem diferente na cidade e no país. Todos queriam entender e interpretar o gesto do Macron: O que ele estava querendo? Qual a estratégia política por trás?

O impacto imediato da decisão de Macron foi abafar a vitória da extrema direita no Parlamento Europeu. Ao dissolver o parlamento francês e convocar eleições, ele gera uma crise interna e isso reduz a visibilidade de vitória da extrema direita. Ele mudou o foco. Criou um fato político maior: o parlamento foi dissolvido e vai ter eleição daqui a 21 dias. Isso abafou a vitória da extrema direita, ao mesmo tempo em que colocou um desafio na mesa. É como se estivesse desafiando a extrema direita, falando: “agora vamos ver mesmo se vocês estão fortes mesmo? Vamos para a eleição que interessa de verdade, que são as eleições francesas”. Acho que isso foi um impacto imediato.

MACRON APOSTOU NA DIVISÃO

Acho que uma interpretação muito corrente e muito plausível é a de que Macron fez o que fez, pressupondo uma divisão da esquerda. A esquerda foi para a eleição parlamentar europeia totalmente dividida, rachada, brigada entre si. Macron apostou que essa divisão se repetiria no primeiro turno das eleições francesas e que as forças macronistas receberiam o apoio da esquerda no segundo turno.

O pressuposto dessa lógica era que a esquerda ficaria em terceiro lugar, os macronistas em segundo e a extrema direita em primeiro. Nada disso aconteceu.

MACRONISTAS ENFRAQUECIDOS

É preciso entender que naquele momento da dissolução do Parlamento, havia uma crise dentro do governo Macron. A força dos macronistas estava trunçada. O primeiro-ministro, um macronista, já vinha com dificuldade de governar.

ESQUERDA UNIDA

Logo após a dissolução do Parlamento, a esquerda se reúne. Os líderes do Partido Comunista francês, dos Ecologistas, da França Insubmissa e do Partido Socialista se encontram e resolvem se unir para formar uma nova Frente Popular para disputar as eleições parlamentares com uma chapa só.

Essa decisão pega todo mundo de surpresa, inclusive Macron e o macronismo.

Todo mundo achava que seria muito difícil construir uma unidade em tão pouco tempo.

Aliás, esse é um elemento importante também da decisão do Macron: não só ele chama eleições, como chama eleições para o período mínimo de 21 dias.

Esse é mais um elemento para reforçar a avaliação de que o propósito de Macron era inviabilizar uma unidade da esquerda. São 577 cadeiras do parlamento em disputa. São, portanto, 577 distritos diferentes, com candidatos diferentes. Seria muito difícil construir uma unidade. Mas a esquerda conseguiu o que parecia impossível: se unir e apresentar candidaturas únicas nos 577 distritos.

Fazendo assim, mudou o cenário e o macronismo foi pego, digamos, no contrapé.

MOBILIZAÇÃO GANHA AS RUAS

Se, de um lado, a cúpula da esquerda conseguiu articular a unidade, do outro era necessário mobilizar a rua, coisa que

até as eleições europeias de 9 de junho não havia acontecido.

E aí realmente aconteceu algo impressionante. O assunto ganhou as ruas. As paredes viraram um mar de pôsteres, de adesivos, de cartazes dos candidatos da Frente Popular.

No bairro que eu moro, 19eme, que é uma área popular de Paris, cheia de imigrantes, a esquerda é muito forte, tem uma votação muito forte. E aí foi incrível. Os bares e os cafés entraram na campanha da Frente Popular.

Foi muito interessante ver essa campanha local e o enraizamento da esquerda nessa área. Ficou visível a cultura da esquerda. Em pouquíssimo tempo, a mobilização cresceu e ocorreram muitos atos de rua, com muita panfletagem, muito trabalho de base, e uma hegemonia do grupo França Insubmissa dentro da Frente Popular.

ENTRE 30 DE JUNHO E 7 DE JULHO

O primeiro turno ocorreu em 30 de junho, e esse é um momento-chave para entender essa cronologia.

No 30 de junho, a extrema direita teve muito voto e ficou em primeiro lugar. A Frente Popular ficou em segundo e os macronistas, em terceiro.

Portanto, a eleição no primeiro turno foi uma grande derrota do campo macronista e uma grande vitória do campo da extrema direita.

Assim que soube do resultado do primeiro turno, Mélenchon anunciou que a Frente Popular iria abrir mão de candidaturas sempre que houvesse um candidato macronista bem posicionado.

MACRON AMBÍGUO

Macron e o campo macronista deram declarações ambíguas. O campo macronista tem muita resistência à França Insubmissa.

As declarações da esquerda para a formação de uma frente republicana antifascista ou anti extrema-direita foram muito fortes. Porém, os macronistas não acompanharam essa tendência.

De todo modo, o que aconteceu é que, em boa parte dos distritos em que ocorreu segundo turno com três candidatos, acabou havendo, sim, a formação dessa frente republicana, a partir da desistência do candidato menos cotado para ganhar.

Com isso, ocorreu uma mudança drástica entre o primeiro e o segundo turno, em apenas uma semana.

RESULTADO SURPREENDENTE

A esquerda surpreendeu, venceu e ficou em primeiro lugar. O macronismo ficou em segundo. E a extrema direita em último – ela havia vencido no primeiro turno. Ninguém imaginava esse resultado.

E AGORA? O QUE ESTÁ ACONTECENDO NA FRANÇA?

Vou falar um pouco sobre onde nós estamos agora. No segundo turno, ocorreu uma vitória da esquerda, mas a esquerda não tem maioria absoluta no Parlamento. A grosso modo, o parlamento está dividido assim: 1/3 para a esquerda, pouco



menos de 1/3 para a direita liberal macronista e um pouco menos ainda para a extrema direita. Dessa forma, é muito difícil montar um governo.

A esquerda vitoriosa no segundo turno diz que não vai fazer coalizão com a direita liberal de Macron para governar. Ela diz que tem direito de governar e que o Macron deve, portanto, fazer o que é de praxe, que é nomear o primeiro-ministro do grupo vencedor.

O problema é que a Constituição francesa dá muitas prerrogativas para o Macron. Ele pode nomear quem quiser, nada constrange o Macron a nomear quem ele quiser, de qualquer grupo político. Essa é a raiz do impasse atual. Ele não está obrigado a nomear um primeiro-ministro da Frente Popular ainda que a Frente Popular tenha ganhado as eleições.

O esperado, claro, seria o gesto de respeitar o voto popular, de respeitar a voz das urnas que deu a vitória para esse grupo.

Mas Macron está falando o seguinte: não é bem assim, a vitória foi muito apertada, vou nomear meu candidato.

Ainda não se sabe o que ele vai fazer. Qual é o risco? O risco é você ficar numa situação de impasse em que, por exemplo, Macron usa a prerrogativa dele de nomear quem ele quiser e o Parlamento votar uma moção de desconfiança e derrubar o primeiro-ministro indicado.

Aí Macron nomeia outra pessoa. O Parlamento rejeita e o processo acontece sucessivamente. Isso gera uma enorme crise. Para o sistema político francês voltar a ser funcional, vai depender das conversas de Macron com o parlamento e também da sua disposição de crise de respeitar o resultado das urnas.

No limite, se você tem esse impasse, perdurando no tempo, você tem até uma situação que pode levar a uma renúncia do Macron e a convocação de novas eleições presidenciais. É óbvio que isso está muito distante no horizonte. Mas enfim, nós estamos num contexto político aqui na França que ninguém imaginava que ele fosse dissolver o parlamento e ele dissolva. Estamos vivendo situações meio inimagináveis aqui na França.

FALSA EQUIVALÊNCIA

Mélenchon certamente não se sentou com Macron para traçar a estratégia eleitoral. Pelo contrário. Macron não tem qualquer relação com a França Insubmissa. Macron odeia Mélenchon, odeia a esquerda radical e não tem nenhuma relação com Mélenchon. Em boa parte do primeiro turno, Macron usou o velho discurso das falsas equivalências, em

que ele falava da França Insubmissa e da esquerda radical como se fossem um equivalente da extrema direita.

Só que não são equivalentes. A extrema direita é abertamente misógina, xenófoba, racista.

Vale lembrar que a tática de Macron de equivaler esquerda à extrema direita foi amplamente mal sucedida nas urnas.

MACRON NÃO É CENTRO. ELE REPRESENTA UMA DIREITA LIBERAL.

Não uso a categoria de centro para enquadrar o Macron. O campo macronista se elegeu pela primeira vez em 2017 apelando muito para esse discurso ‘não sou de direita nem de esquerda’. Esse é um discurso liberal clássico que, em geral, tende a ser da direita, da direita democrática, tolerante, mas da direita.

A partir de 2022, Macron tem adotado cada vez mais um discurso, uma linguagem, e ideias do campo da direita mesmo, e às vezes até da extrema direita em algumas questões. Então eu diria que o campo do macronismo é o campo da direita.

ACORDO TÁCITO

Logo após o primeiro turno, a esquerda e o macronismo fizeram uma espécie de acordo tácito e formaram uma Frente Republicana para barrar a extrema direita. Esse acordo já é tradicional na França e que ocorreu nas últimas duas eleições presidenciais.

Nas duas últimas eleições presidenciais, quando a Marine Le Pen, da extrema direita, esteve no segundo turno, a esquerda se uniu com a direita liberal e deu apoio expressivo ao Macron para barrar a Le Pen. O que aconteceu agora foi um pouco a reedição desse acordo.

EXTREMA DIREITA EM ASCENSÃO

No curto prazo, foi uma vitória importante da esquerda e que merece ser comemorada. Mas, se você analisa a médio prazo, há elementos preocupantes. A extrema-direita cresceu muito no parlamento francês quando comparamos com 2022. Hoje a direita tem uma quantidade de cadeiras no parlamento francês que nunca teve. E ela acabou de ganhar as eleições no parlamento europeu.

Existe uma tendência de ascensão da extrema direita. Essa tendência é inegável e ela não pode ser esquecida por causa de uma vitória circunstancial.

A recente vitória da esquerda na eleição legislativa foi muito apertada. Não podemos esquecer isso. Aliás, isso ocorre em vários países, inclusive no Brasil.

É preciso ficar claro que o resultado eleitoral circunstancial dessa eleição não anula, não invalida nem reverte automaticamente a tendência de médio e de longo prazo de ascensão da extrema direita.

LIÇÃO DA FRANÇA: FAZER ALIANÇAS PARA DERRUBAR A EXTREMA DIREITA

Ainda que existam circunstâncias muito específicas e conjunturais dessa eleição francesa, pode-se dizer que a estratégia de fazer aliança para derrubar o fascismo e a extrema direita é lição importante para o mundo.

FOTOS: ARQUIVO PESSOAL

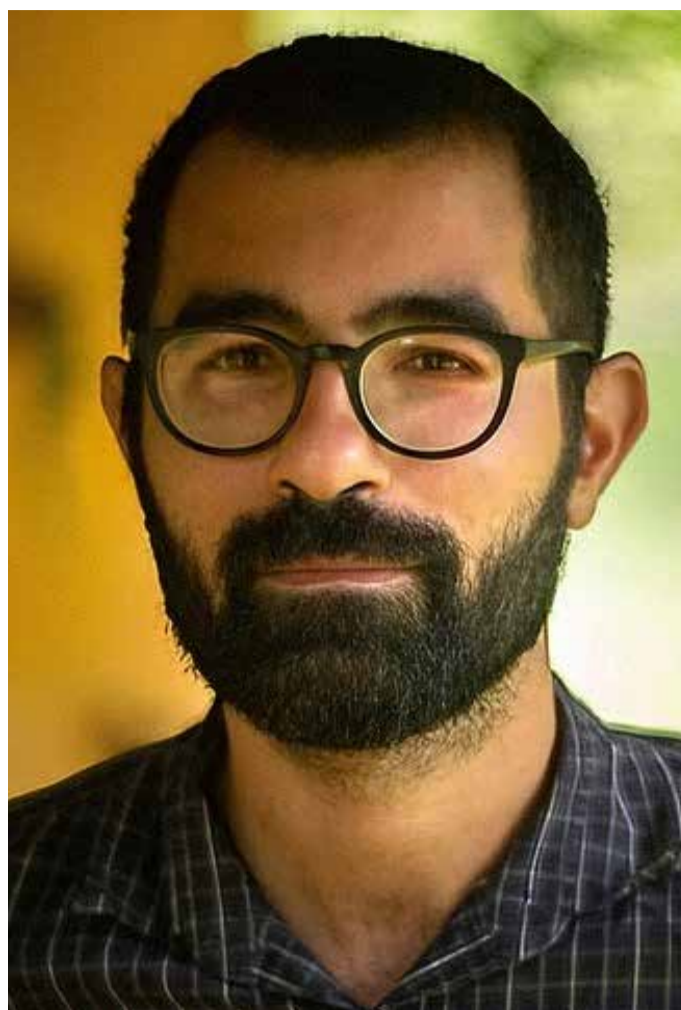


VINÍCIUS LIEBEL

Professor de História Contemporânea (IH/UFRJ)



FOTOS: ARQUIVO PESSOAL



FERNANDO BRANCOLI

Professora de Segurança Internacional e Geopolítica (IRID/UFRJ)

REFLEXÕES SOBRE AS ELEIÇÕES FRANCESAS

ALEXANDRE MEDEIROS
comunica@adufrrj.org.br

No domingo retrasado (7), o mundo assistiu a uma das maiores viradas eleitorais dos últimos tempos. Quase 34 milhões de franceses foram às urnas em segundo turno — cerca de 60% do eleitorado, algo que não ocorria há mais de 40 anos — para consagrar a vitória da Nova Frente Popular (NFP), um bloco de esquerda formado, majoritariamente, por socialistas, comunistas e verdes. Essa aliança derrotou a ameaça de vitória da extrema direita de Marine Le Pen, que terminou o primeiro turno na frente e chegou ao final da segunda volta em terceiro lugar, atrás também da coligação de centro-direita do presidente francês Emmanuel Macron, que fechou em segundo. Para analisar os resultados da eleição francesa e seus reflexos no mundo — e no Brasil, em particular —, o Jornal da AdUFRJ convidou os professores Vinícius Liebel, do Instituto de História (IH), e Fernando Brancoli, do Instituto de Relações Internacionais e Defesa (IRID).

■ **Jornal da AdUFRJ — Ao dissolver o parlamento em junho e convocar novas eleições, o presidente francês, Emmanuel Macron, argumentou que o país precisava de “uma maioria clara para agir com serenidade”. A extrema direita foi derrotada, mas o partido de Macron saiu da eleição com menos cadeiras e agora o Parlamento está dividido em três blocos, sendo que nenhum deles tem maioria. Na sua visão, Macron saiu vitorioso da eleição? Ou ele perdeu a aposta?**

● **Vinícius Liebel, professor de História Contemporânea (IH/UFRJ) —** A imagem de Macron sai fortalecida, ele fez uma aposta que deu certo. Sua proposta primária era barrar a ascensão da extrema direita após as eleições ao Parlamento Europeu. É preciso lembrar ainda que quando anunciou a convocação de novas eleições, a maior parte dos analistas julgou aquilo um erro. Nesse sentido, ele sai fortalecido. Essa imagem será colocada à prova agora, pois ele precisará negociar e buscar composições diversas em busca de governabilidade.

▲ **Fernando Brancoli, professor de Segurança Internacional e Geopolítica (IRID/UFRJ) —** A dissolução do Parlamento e a convocação de novas eleições por Emmanuel Macron resultaram em uma perda de cadeiras para seu partido. Embora tenha evitado uma vitória da extrema direita, Macron agora enfrenta um Parlamento dividido em três blocos sem maioria clara. Portanto, ele não pode ser considerado completamente vitorioso, pois perdeu terreno político significativo e a capacidade de governar com serenidade.

■ **O atual primeiro-ministro, Gabriel Attal, se manterá no cargo, ao menos por enquanto. Estima-se que ele fique ao menos até o fim das Olimpíadas, em meados de agosto. Como será a composição política, na sua avaliação, para a escolha do primeiro-ministro?**

● **Vinícius Liebel —** Esse é o grande mistério. Não se sabe quem pode ser indicado, pois a composição feita pelo bloco de esquerda agrupa vários partidos, cada um querendo emplacar o seu nome. Mas

provavelmente o nome será alguém de centro-esquerda que possa, de alguma forma, dialogar com os diferentes partidos.

▲ **Fernando Brancoli —** Gabriel Attal deve continuar como primeiro-ministro até o fim das Olimpíadas, em agosto. A escolha de um novo primeiro-ministro exigirá negociações complexas entre os blocos fragmentados do Parlamento. Macron precisará formar alianças e fazer concessões para garantir apoio suficiente para aprovar suas políticas.

■ **Há também grande expectativa pela governabilidade. O novo Parlamento tem três blocos de dimensões comparáveis: o da esquerda, com 182 cadeiras, o de centro-direita do presidente Macron, com 168, e o da extrema direita de Marine Le Pen, com 143. O senhor vê alguma possibilidade de um governo de coalizão?**

● **Vinícius Liebel —** Não haverá harmonia completa, mesmo dentro do bloco de esquerda existem tensões permanentes, mas essa articulação que foi feita

para barrar a extrema direita precisará mostrar resultados. Se o governo ficar paralisado, se não houver alguma composição, a direita vai sair fortalecida. Em compensação, se o governo conseguir promover o diálogo e entregar resultados com isso, a tendência é a extrema direita perder visibilidade.

▲ **Fernando Brancoli —** A formação de um governo de coalizão é uma possibilidade real, dada a divisão equilibrada entre os blocos de esquerda, centro e extrema direita. No entanto, a concretização dessa coalizão dependerá de concessões significativas e da disposição dos partidos em colaborar para garantir a governabilidade.

■ **Uma possibilidade aventada por especialistas é a nomeação de um primeiro-ministro e de ministros “técnicos” para implantar reformas consensuais, com o apoio, em função da medida, de diferentes blocos do Parlamento. Há paralelos, por exemplo, na Itália, que teve recentemente governos técnicos em tempos de**

crise, mas não por um longo período. Acha essa possibilidade viável?

● **Vinícius Liebel —** É possível, mas improvável. Um gabinete de técnicos acena para uma “neutralidade” política, para um distanciamento da composição política. Nesse momento é justamente a composição e o diálogo político que precisam ser fortalecidos.

▲ **Fernando Brancoli —** A nomeação de um primeiro-ministro e ministros “técnicos” para implementar reformas consensuais é uma solução viável em tempos de crise. Exemplos na Itália mostram que governos técnicos podem ser eficazes, embora geralmente de curta duração. Essa abordagem pode ser uma saída para o impasse político atual na França.

■ **WO bloco de esquerda que se formou no segundo turno conseguiu derrotar a extrema direita, mas está longe de ser homogêneo. Dois dos principais líderes do bloco — Jean-Luc Mélenchon, da França Insubmissa, e Olivier Faure, do Partido Socialista — já deram declarações rejeitando a coalizão. Como vê esse dilema da esquerda francesa, que foi a mais votada mas não tem maioria para governar sozinha?**

● **Vinícius Liebel —** É verdade, mas também é verdade que ninguém tem maioria para governar sozinho na situação atual. A grande vantagem da esquerda é que ganhou peso, se hoje ela não pode governar sozinha, ninguém pode governar sem ela. E esse é um trunfo que deve fazer a política francesa mudar nos próximos meses.

▲ **Fernando Brancoli —** A esquerda francesa enfrenta um dilema significativo. Apesar de ter derrotado a extrema direita, o bloco de esquerda é heterogêneo, com líderes como Jean-Luc Mélenchon e Olivier Faure rejeitando a coalizão. Essa falta de coesão interna pode dificultar a capacidade do bloco de governar de forma eficaz.

■ **A que o senhor credita a derrocada da extrema direita, que venceu no primeiro turno mas ficou longe das projetadas 300 cadeiras no Parlamento, terminando como a terceira força, com 143 assentos? É possível acreditar que a vitória dos conservadores foi apenas adiada para 2027, como afirmou Marine Le Pen após o segundo turno?**

● **Vinícius Liebel —** Existem duas formas de ver a situação atual: a primeira é entender que a direita avançou e que ameaça valores republicanos e democráticos na França, que os franceses estão normalizando discursos xenófobos e extremistas. A segunda é perceber que mais de dois terços dos franceses optaram por barrar a extrema direita, e que um acordo republicano é possível. Mas será possível repetir esse cenário nas próximas eleições caso a política fique paralisada na França nos próximos meses? Quantas vezes os eleitores vão aceitar esse acordo se ele não trouxer também os avanços políticos que promete?

▲ **Fernando Brancoli —** A extrema direita, apesar de ter vencido no primeiro turno, não alcançou as 300 cadeiras projetadas e ficou como a terceira força com 143 assentos. Marine Le Pen acredita que a vitória dos conservadores foi adiada para 2027, e o crescimento da extrema direita é evidente, indicando que ela continua sendo uma força significativa.

■ **Para conseguir a reviravolta do segundo turno, a NFP usou a estratégia**



REPRODUÇÃO

de apoiar os candidatos mais bem posicionados do bloco em cada distrito do país. Com isso, pulverizou a divisão de votos que poderia beneficiar o adversário comum da direita. Como viu essa estratégia? E que reflexos ela poderá gerar no novo Parlamento?

● **Vinícius Liebel —** A estratégia foi vitoriosa, de fato ela isolou a direita e produziu uma polarização que surtiu efeito no eleitorado. Mas passadas as eleições, a grande questão que se abre não é mais sobre o isolamento da extrema direita, mas sim sobre as múltiplas visões que os diferentes partidos envolvidos nessa estratégia vão levar para o Parlamento. Caso não haja acordos costurados ou diálogos francos, existe o perigo da política nacional francesa ficar paralisada. Nesse cenário, a direita deverá ganhar força.

▲ **Fernando Brancoli —** A estratégia do bloco de esquerda de apoiar candidatos mais bem posicionados em cada distrito foi eficaz para evitar a divisão de votos e vencer a extrema direita no segundo turno. Essa abordagem pode levar a uma dinâmica mais colaborativa no novo Parlamento, embora complexa.

■ **Há algum paralelo entre as eleições francesas e o processo eleitoral que resultou na vitória do presidente Lula em segundo turno no pleito contra Bolsonaro em 2022?**

● **Vinícius Liebel —** Não vejo muitos paralelos. A natureza das eleições é diferente, não houve um acordo, um “bloco republicano” de fato, a direita brasileira tem mais capilaridade do que a direita francesa, os extremismos vêm sendo mais normalizados, os partidos de centro brasileiros navegam conforme o vento. O Congresso brasileiro formado depois das eleições não tem uma maioria contrária à extrema direita. O paralelo de que houve apoios democráticos à candidatura do presidente Lula no segundo turno é cir-

cunstantial, fruto da natureza de nossas eleições. E é preciso lembrar que esse apoio não foi geral e irrestrito, mas veio praticamente apenas de uma das candidatas derrotadas no primeiro turno, que foi a Simone Tebet. Um paralelo real existiria se todas as candidaturas no primeiro turno tivessem sido retiradas em apoio à candidatura petista. Não tivemos nada nem perto disso.

▲ **Fernando Brancoli —** Há paralelos significativos entre as eleições francesas e brasileiras, especialmente na formação de alianças estratégicas para derrotar candidatos de extrema direita. Em ambos os casos, a união de diferentes forças políticas foi crucial para assegurar a vitória.

■ **O senhor enxerga algum reflexo das eleições francesas na disputa eleitoral norte-americana, sobretudo com o fraco desempenho do democrata Joe Biden nas últimas semanas? A derrota da direita francesa poderá arrefecer o ímpeto da campanha de Trump? E como uma eventual vitória de Trump poderá estimular candidaturas de extrema direita mundo afora?**

● **Vinícius Liebel —** Não creio em uma influência determinante dos resultados na França nas eleições norte-americanas. Lá, as visões em conflito são diferentes. É um sistema bipartidário, também muito diferente daquele da França. Não acredito que pessoas saiam para votar pelo exemplo francês, inspiradas no sentimento republicano, visando barrar o trumpismo. Mas sim, uma vitória de Trump colocaria em evidência mais uma vez uma visão de mundo de direita, a normalização das fake news, a negação da Ciência, o populismo e todo aquele cenário que tínhamos há quatro anos.

▲ **Fernando Brancoli —** As eleições francesas podem influenciar o cenário político dos EUA. A derrota da extrema

direita na França pode enfraquecer movimentos similares, incluindo a campanha de Trump. Uma possível vitória de Trump, por outro lado, pode encorajar candidaturas de extrema direita ao redor do mundo.

■ **Assim como foi no Brasil, na Argentina e na França, e como se desenha ser nos EUA, a polarização entre democracia e autoritarismo parece ser a principal tendência da política nos continentes europeu e americano. Em todos os pleitos, os eleitores têm ido às urnas para decidir entre esses dois caminhos opostos. Como enxerga esse cenário?**

● **Vinícius Liebel —** Vejo como uma regressão da ideia de republicanismo. A ideia de coisa pública perde espaço e os indivíduos buscam resoluções práticas e unilaterais de seus problemas, a imposição de suas ideias e de suas visões. Outra ideia que vem regredindo é a de responsabilidade, tanto a individual quanto a coletiva. São valores historicamente ligados à democracia, à ideia de direitos humanos, que também vêm sendo atacados e descartados por parte da população. Os exemplos históricos de autoritarismo caem em ouvidos moucos e, em algumas bolhas, vêm sendo mesmo exaltados diante das incertezas e das flutuações que os desafios globais atuais apresentam. É um cenário que dificilmente mudará no curto prazo sem um investimento maciço na educação, na conscientização política e na memória dos eventos autoritários.

▲ **Fernando Brancoli —** A polarização entre democracia e autoritarismo é uma tendência crescente nas políticas europeias e americanas. Eleitores em diversos países têm escolhido entre esses caminhos opostos, refletindo divisões sociais mais amplas. Esse cenário provavelmente continuará a influenciar eleições futuras em várias regiões.

KELVIB MELO

VENTURA
AV. REPÚBLICA DO CHILE, 330

Sessão especial do Consuni decide sobre Ventura dia 18

> Proposta da reitoria é trocar andares da UFRJ no prédio corporativo por obras de infraestrutura

KELVIN MELO
kelvin@adufjr.org.br

O Conselho Universitário delibera no próximo dia 18 sobre o projeto que troca os 11 andares da UFRJ no edifício Ventura Towers por dez infraestruturas acadêmicas e de assistência estudantil. O anúncio foi feito pelo reitor Roberto Medronho durante a segunda audiência pública sobre o tema, na quarta-feira (10).

A conclusão de obras inacabadas — como o complexo CC-JE-CFCH, ao lado da Letras — e mais dois restaurantes universitários (um no Fundão e outro em Macaé) fazem parte da lista de contrapartidas já noticiada na edição nº 1.323 do Jornal da AdUFRJ.

“No dia 18, está agendada a sessão especial para apresentação da Comissão de Desenvolvimento”, afirmou o reitor, citando a instância do colegiado responsável pela avaliação da proposta. “E o relatório da comissão é amplamente favorável ao projeto”, adiantou. A aprovação do Consuni é requisito básico para

a alienação dos andares pela universidade, de acordo com a legislação federal.

Na audiência do dia 10, as dúvidas sobre os valores e o momento da negociação, o acompanhamento e custo de manutenção das contrapartidas e a necessidade de mais debate deram o tom da reunião realizada em um esvaziado Salão Pedro Calmon, no campus da Praia Vermelha.

Técnico-administrativo lotado no Centro de Tecnologia, Agnaldo Fernandes trabalhou na gestão do ex-reitor Roberto Leher, que iniciou este projeto. “Não sou contra, evidentemente, o projeto de valorização dos ativos”, afirmou. Mas questionou a não divulgação do valor do negócio envolvendo o Ventura. “O Conselho Universitário vai ter que decidir alienar este patrimônio sem saber quanto custa. Isso é um problema. O mercado sabe quanto custa”. Agnaldo sugeriu que, pelo menos, o valor das contrapartidas fosse informado para subsidiar o debate.

A preocupação com o acompanhamento das obras de contrapartida motivou a pergunta da professora Ana Lúcia Cunha Fernandes, da Faculdade de

Educação. “Sendo aprovado, como será o processo de acompanhamento? Este é o aspecto mais delicado na UFRJ. As obras começam e não terminam”.

Já a professora Cláudia Piccini, também da Faculdade de Educação, pediu a ampliação da discussão na UFRJ. “O método desta casa tem que ser o da gestão democrática. A gente vai apostar no debate?”, questionou “Serão estas audiências pontuais e esvaziadas ou vamos levar aos departamentos de cada unidade para que haja deliberação, via departamentos, do que a gente vai fazer enquanto opção política desta universidade?”.

RESPOSTAS

“Se vocês forem às atas de todas as reuniões do Conselho Universitário desde 2018, não encontrarão nenhum outro projeto que foi tão debatido, tão apresentado como este. Para além disso, reuniões como esta foram muitas”, disse o professor João Carlos Ferraz, integrante da comissão que assessora a reitoria na negociação.

Os valores da negociação não foram divulgados ainda para não “contaminar” a licitação, explicaram os defensores da

proposta. A expectativa é que aconteça um processo semelhante ao da concessão de uso de área da Praia Vermelha para construção do equipamento cultural multiuso.

Na ocasião, o consórcio vencedor da disputa, além do “novo Caneção”, assumiu o compromisso de construir um prédio acadêmico e um restaurante universitário naquele campus e ainda pagou um ágio de R\$ 4,350 milhões.

Houve dúvidas se este seria o melhor momento para negociar o Ventura. “Hoje, 45% do espaço da universidade não gera receita. Não tenho a menor ideia do que o futuro nos reserva. O mercado vai melhorar? Mas o custo das contrapartidas vai ficar o mesmo ou vai aumentar? Estão olhando um lado da equação, olhem o outro. A nossa contrapartida estará deteriorando. Então o custo de construir no futuro será maior”, afirmou Ferraz, em referência às obras inacabadas.

Sobre a fiscalização das contrapartidas, a pró-reitora de Governança, professora Claudia Cruz, informou que a reitoria constituiu recentemente uma comissão permanente de acom-

panhamento gerencial de obras de infraestrutura. “Faço parte desta comissão, junto da Prefeitura Universitária, Escritório Técnico e PR-3 (pró-reitoria de Finanças)”, disse. Será uma comissão responsável pela coleta de informações, que serão repassadas ao reitor e aos conselhos superiores da universidade.

Durante a audiência, também foi questionado como a universidade, hoje em apuros financeiros, poderá sustentar dez novas estruturas em funcionamento, se tudo der certo com o projeto. “Ou pensamos prédios melhores para o nosso funcionamento ou a gente fica até tudo desabar. Ou pegar fogo. A gente precisa ser honesto com as autoridades que estão acima de nós. Precisaremos de recursos para manter essas estruturas em condições adequadas”, completou a pró-reitora.

“O Ventura foi pensado para ser uma fonte de receita para a universidade. Ele já foi uma fonte maior de receita. Na minha opinião, não justifica manter um ativo que hoje tem gerado um volume muito menor de receita, enquanto a gente tem tantas estruturas em condições tão precarizadas”, concluiu a professora.

RESTAURANTE UNIVERSITÁRIO DE MACAÉ É A NOVIDADE ENTRE AS CONTRAPARTIDAS

Entre as dez contrapartidas previstas no projeto, a inclusão da obra de construção de um restaurante universitário em Macaé é o item mais recente. “O professor Medronho, a professora Cássia e a comissão reviram e acrescentaram o restaurante, quando retornou esta discussão. Ficamos muito felizes, porque a gente percebe que há um início de restabelecimento da justiça para a infraestrutura de Macaé, que é deficitária”, afirma o

decano do Centro Multidisciplinar da UFRJ no município do Norte Fluminense, professor Irnak Marcelo Barbosa. “Nós somos filhos do Reuni. Só que essa expansão não foi plena.

Até hoje, a gente (Nupem, Polo Ajuda e Cidade Universitária) depende de cessões de uso do município. Não existe um território próprio da UFRJ em Macaé”, explica Irnak. Hoje, somando almoço e jantar, são ofertadas entre 900 e 1 mil quinientas por dia, em Macaé. Mas as refeições não



são produzidas no local. Com a construção do restaurante, o decano informa que há uma previsão de aumento de 25% a

30% do número de refeições. Outro ganho é na diminuição do custo. “Com uma edificação, cai muito o valor. Faz-se um contra-

to com a empresa que não precisa montar uma cozinha”. Além do aproveitamento acadêmico: “Aqui temos um curso de Nutrição. Mais que um restaurante universitário, será um restaurante-escola”, diz.

Os representantes de Macaé no Consuni, de acordo com o decano, serão favoráveis à aprovação do projeto do Ventura. “Com a ressalva de que Macaé precisa ganhar mais protagonismo nas decisões estratégicas da universidade”.

Universidade organizou I Feira do Livro Científico

> Evento reuniu obras de 26 editoras universitárias e particulares de todo o país. Palestras, sessões de autógrafos, apresentações musicais e programação infantil fizeram a festa dos visitantes

FOTOS: FERNANDO SOUZA

RENAN FERNANDES
comunica@adufjr.org.br

O estudante Marcos Vieira carregava com dificuldade cinco sacolas repletas de livros, no cair da tarde do dia 11. Formado em Geografia pela UFRJ, ele não escondia a felicidade de visitar a I Feira do Livro Científico da universidade, na Casa da Ciência. “Estava ansioso para ver o que as editoras oferecem. Sentia falta de uma feira como essa no Rio porque vejo acontecer com frequência em São Paulo”, disse.

O aluno aproveitou os descontos de até 50% oferecidos para encontrar títulos que vão fazer parte de sua pesquisa no doutorado. “Estou montando um projeto sobre a geografia da saúde. Só da Fiocruz comprei mais de 20 livros. Também encontrei títulos legais da UFRJ e da UNESP”, afirmou.

Além dos títulos de que precisava para suas pesquisas, Marcos encontrou um ambiente acolhedor, com palestras, sessões de autógrafos, apresentações musicais e programação infantil. “As atividades planejadas, que incluem espetáculos musicais, mesas de debates e oficinas para crianças, tornam o evento acessível e atraente para todas as idades, incentivando a curiosidade e o interesse pelo conhecimento desde cedo”, afirmou a professora Christine Ruta, coordenadora do Fórum de Ciência e Cultura, organizadora do evento que durou até o domingo (14).

“A Feira proporciona um espaço de encontro e troca de ideias, onde o público tem acesso a obras de alta qualidade e debates enriquecedores”, acrescentou Ruta. “O Fórum reafirma seu compromisso de estreitar os laços entre a Universidade e toda a sociedade, além de atuar na disseminação do conhecimento e na valorização da ciência e da arte”, completou.

O professor Marcelo Jacques, diretor da Editora da UFRJ, concordou. “Esse evento foi mais um canal de comunicação com a sociedade. O Fórum tem o sentido de fazer essa ponte da universidade com a sociedade e o livro é um canal importante. A universidade não produz livros apenas para o consumo interno”, avaliou.

O docente celebrou a iniciativa de reunir 26 editoras universitárias de diferentes partes do Brasil. “Já tínhamos a experiência de organizar feiras aqui



FESTA DO CONHECIMENTO Público aproveitou os descontos de até 50% oferecidos pelas editoras. AdUFRJ, representada pela vice-presidenta Nedir do Espírito Santos, distribuiu materiais no local

na Praia Vermelha, mas sempre com editoras do estado do Rio. Esta é a primeira que conseguimos adesão massiva de editoras de grandes universidades como a USP, a Unicamp, a UFMG, entre outras”.

O professor Pedro Rocha, do Instituto de Relações Internacionais e Defesa, foi às compras ao final do dia de trabalho e elogiou o projeto. “Espero que seja o início de um evento que se repita com um número cada

vez maior de editoras, ganhando projeção e alcance”. O docente adorou as instalações da Casa da Ciência da UFRJ. “O lugar é muito agradável”, aprovou. O desejo de novas edições da Feira é compartilhado pelos

organizadores. O professor Ismar de Souza Carvalho, diretor da Casa da Ciência, agradeceu os apoios que permitiram a realização do evento. “Ainda é experimental, mas a gente pretende repetir a cada ano ou a cada dois anos. O suporte financeiro da AdUFRJ, da PAPERJ e do CNPq foi fundamental para montarmos essa estrutura que traz muito do conhecimento científico publicado no nosso país”, disse.

A vice-presidenta Nedir do Espírito Santo representou a AdUFRJ na mesa de abertura da feira. “Passei pelo salão vindo de obras. Foi um ambiente muito convidativo. Precisamos divulgar mais a produção das editoras universitárias”, elogiou.

CARTA DO VICE-PRESIDENTE DA ADUFRJ, PROFESSOR ANTÔNIO SOLÉ

> O professor Antônio Solé criticou, durante o Consuni do dia 11, os ataques sofridos por docentes da UFRJ no exercício da profissão. Solé leu uma carta em que reivindica mais cordialidade nas relações internas em busca do objetivo comum, o de melhores condições de trabalho na instituição. Abaixo, a íntegra do documento:

No dia 10 de junho, em reunião com reitores das instituições federais de ensino superior, o presidente Lula disse que as universidades públicas são feitas apenas para os ricos, não para os pobres. Essa declaração circulei amplamente, especialmente nos meios políticos de direita. E o presidente Lula, de fato, falou isso. Mas era ironia, usada para desmascarar o pensamento da elite política. Esse fato chama a atenção para o fenômeno perigoso das palavras e atos usados fora do contexto como arma política. É de disso que quero falar agora. O Brasil é um país majoritariamente conservador, com profundos racismo, machismo e LGBTfobia estruturais. É fundamental lutar contra esses preconceitos anacrônicos, por meio de leis e de denúncias. É justamente por essa luta ser tão importante que devemos levá-la a sério, evitando seu uso indiscriminado e injústo como instrumento de opressão e assédio contra pessoas com as quais discordamos por outros motivos. Isso vale para fora e para dentro de nossa UFRJ.

A sociedade brasileira está polarizada, e ânimos se exaltam facilmente. Acusações falsas, baseadas muitas vezes em falas ou atos tomados propositalmente fora de contexto, têm sido usadas de maneira leviana por parte de alguns grupos militantes na nossa universidade para intimidar oponentes políticos, uma atuação que em muito se assemelha às práticas bolsonaristas denunciadas por

“É nosso dever, também, permitir o exercício de nossa profissão, sem constrangimentos, barreiras ou acusações anônimas”

ANTONIO SOLÉ
Vice-presidente da AdUFRJ

estes mesmos grupos. Acusações falsas não são brincadeiras: Luiz Cancellier, reitor da UFSC, acabou se suicidando ante o assédio moral e legal movido contra ele. Na minha opinião, devemos repudiar esse tipo de estratégia covarde dentro de nossa Universidade - inclusive neste Conselho - e devemos manter nossas discussões em um nível respeitoso, sem coerções ou violências físicas ou psicológicas. Em particular, acho lamentável que docentes, que, em suas Assembleias, escolheram majoritariamente não entrarem em greve, tenham sido constrangidos, em vários momentos, por membros de nossa comunidade acadêmica que haviam escolhido, também democraticamente,



KELVIN MELO

outra forma de luta.

É papel de todos nós, e em particular da nossa Associação Docente, lutar, de todas as formas, pela defesa de nossos professores contra assédios ou acusações levianas, fake news e outros tipos de agressões covardes. É nosso dever, também, permitir o exercício de nossa profissão, sem constrangimentos, barreiras ou acusações anônimas.

Ao mesmo tempo que exigimos respeito, clamamos

a comunidade a reconhecer que estamos todos do mesmo lado, na defesa da Educação pública, gratuita e de qualidade. Podemos escolher formas diferentes de luta, podemos militar em campos políticos diversos, mas não devemos perder de vista nossos objetivos maiores de amor à UFRJ e de luta por melhores condições de trabalho, o que inclui nossa saúde mental de poder viver em um ambiente mais cordial em nossas relações.”

FOLHA DE PAGAMENTO TERÁ 117 PROGRESSÕES DOCENTES

A próxima folha de pagamento, fechada na sexta-feira (12), contará com a implantação de 117 progressões docentes. Na próxima folha, serão mais 154, além de quatro progressões múltiplas. A situação dos processos foi informada pela pró-reitora de Pessoal, Neuzia Luzia Pinto, no último Consuni, após o encerramento da greve

dos técnicos-administrativos. Desde o dia 2 de julho, quando as atividades foram retomadas pelo segmento, também houve a publicação de 20 novas aposentadorias e a implantação de dez abonos de permanência.



ADEUS AO PROFESSOR LEO SOARES

O Conselho Universitário aprovou uma moção de pesar pelo falecimento do professor Leo Afonso de Moraes Soares, da Escola de Música e ex-decano do Centro de Letras e Artes (entre 2005 e 2010). “Musicista renomado, professor sempre distinto pela dedicação e didática, é até hoje lembrado pela sua capacidade na administração e promoção da harmonia dentro do corpo social do CLA”, afirmou a



REPRODUÇÃO / FACEBOOK

professora Flora de Paoli, da Faculdade de Letras e também ex-decana do Centro.

CONVÊNIOS

Os professores filiados à AdUFRJ contam com um setor de convênios, que firma parcerias com empresas prestadoras de serviços em diferentes áreas (veja relação abaixo). A proposta é oferecer descontos em estabelecimentos como escolas, cursos, academias, clínicas estéticas e de saúde, entre outros. Para mais informações, os interessados podem entrar em contato com Meriane, no tel: (21) 99358-2477 ou pelo e-mail: meriane@adufrrj.org.br.

RIO DE JANEIRO

- IBEU
- CLUB PET
- MAPLE BEAR TIJUCA
- MIT CUIDADORES
- ACADEMIA TIJUCA FIT
- MADONA CLINIC
- Psicare PSICARE
- FISIOTERAPIA RJ LTDA
- CRECHE AMANHECENDO
- CRECHE ESCOLA RECRIAR
- CESTA CAMPONESA DE ALIMENTOS SAUDÁVEIS
- ROÇA URBANA ORGÂNICOS
- JC LUZ CORRETORA
- FLORA ENERGIA SUSTENTÁVEL
- BauKurs CENTRO DE ATIVIDADES CULTURAIS
- MACAÉ ESCOLA ALFA
- CLÍNICA ESTAÇÃO CORPORAL
- HUMANA CLÍNICA MULTIDISCIPLINAR
- MAIS FITNESS ACADEMIA
- CORPUS CENTRO DE QUALIDADE DE VIDA
- RIO DE JANEIRO E MACAÉ INSPIRE ENERGIA SOLAR
- Kalunga KALUNGA PAPELARIA
- Raia DROGARIA RAIA

REITORIA CONFIANÇA QUE RECURSO DA UFRJ À FINEP SERÁ ACATADO

Em sua edição nº 1.324, de 8 de julho passado, o Jornal da AdUFRJ publicou uma reportagem sobre o resultado preliminar do edital Pró-Infra Expansão 2023, da Finep, no qual o único subprojeto submetido pela UFRJ foi classificado como “não recomendado”. Denominada UFRJ Digital – Convergência do Físico e o Digital para Expandir a Pesquisa, Ensino e Extensão na UFRJ –, a proposta pleiteou recursos de R\$ 25 milhões. Na análise de mérito, o parecerista da Finep deu nota média de 3,18 ao subprojeto (em um máximo de 5,00) e listou várias inconformidades. Nesta edição, o Jornal da AdUFRJ abre mais uma vez espaço para os argumentos da reitoria em defesa da proposta, incluindo o recurso submetido à Finep para reavaliação do subprojeto, cujo teor pode ser encontrado no link: <https://is.gd/cMSIPb>

DEPOIMENTO | ROBERTO MEDRONHO, REITOR DA UFRJ

Em depoimento ao Jornal da AdUFRJ, o reitor Roberto Medronho defende um novo paradigma nos mecanismos de fomento à pesquisa no país. Ele também mostrou confiança de que o recurso à não aprovação do projeto Transformação Digital da UFRJ que visa à modernização da rede de TI da UFRJ será acolhido pela Finep. A seguir, os principais trechos:



FERNANDO SOUZA

de pesquisa em todo o país”. Foi exatamente o que nós fizemos ao apresentar esse projeto”.

“Este projeto beneficiará todos os laboratórios da UFRJ. É um projeto verdadeiramente institucional, e não um projeto que vá beneficiar o laboratório A, B ou C. Como normalmente é feita a seleção de projetos aos editais da Finep como este? O reitor elege alguns laboratórios, usando uma determinada metodologia, para fazerem os subprojetos. Normalmente são os laboratórios que apresentam maior produtividade, aptos a conquistarem os editais. No meu modo de entender, embora a respeito, essa visão não se configura, na prática, em um projeto institucional, mas sim a reunião de cinco projetos de cinco laboratórios, que é o número de subprojetos permitido pelo edital no caso da UFRJ. Importante res-

saltar também que nos editais da Finep mais específicos, a UFRJ foi plenamente contemplada”.

“Nós entendemos que a reitoria da UFRJ deve ter um olhar para todas as áreas do conhecimento. Temos sérios problemas em nossa rede de dados e em nossa rede elétrica. São problemas que impactam todos os laboratórios, dos mais sofisticados aos mais iniciantes em suas pesquisas. Nossa lógica foi tentar estruturar um projeto que contemplasse toda a UFRJ, para fortalecer todas as nossas pesquisas”.

“A tradição dos avaliadores das agências de fomento à pesquisa no Brasil é considerar projetos que solicitem um equipamento sofisticado, um microscópio, por exemplo, e mensurar a produção de artigos científicos que é feita a partir dele. Mas de que adianta comprar o mais sofisticado equipamento, se a nossa rede elétrica vive caindo? Ou adquirir um computador de alto desempenho, se nossa rede de dados está cheia de problemas?”.

“Esse tipo de visão que ainda predomina no fomento à pesquisa é uma visão que não dá

escala para o país. Nós temos que pensar em projetos estruturantes para o país, não apenas para um laboratório específico. Só que a cultura dos editais acabou gerando uma fragmentação muito grande. Tenho muito orgulho de todas as pesquisas que fazemos, dos laboratórios de ponta que nós temos na UFRJ, e são muitos. Mas hoje o Brasil está precisando de muito mais do que isso. Está precisando de escala, de que todos os laboratórios funcionem com sua rede de dados perfeita, com instalações elétricas adequadas. Porque só assim nós teremos os saltos em ciência, tecnologia e inovação de que tanto precisamos para desenvolver nosso país”.

“Você dar o exemplo da Rede Rio, que é um caso de sucesso. Hoje, um projeto que fosse pedir financiamento para agências de fomento propondo a criação de uma Rede Rio não seria aprovado, porque não tem o binômio equipamento/produtividade científica. Só que a Rede Rio foi fundamental para escalar a pesquisa no Rio de Janeiro. Outro exemplo é a Rede Nacional de Ensino e Pesquisa (RNP), que não seria aprovada na visão de muitos avaliadores. Nosso projeto tem

essa visão de rede”.

“O que nós queremos, tão somente, é melhorar o ambiente de pesquisa em toda a UFRJ para que todos os laboratórios se beneficiem. Infelizmente isso não contou com a compreensão do avaliador, e nós agora temos muita esperança que nosso recurso seja acatado. Essa indicação para não aprovação na avaliação preliminar deixou estupefatos muitos pesquisadores de todo o país. Mas estamos animados de que vamos conseguir reverter o processo”.

“Acho que temos que mudar a visão que sempre prevaleceu no Brasil do ‘dê meu equipamento que eu farei produção de paper’. Nós precisamos pensar institucionalmente e integradamente com outras instituições de pesquisa do Brasil e do mundo. É assim que a Ciência tem evoluído. Temos que refletir sobre qual a melhor forma de fomento à ciência, tecnologia e inovação neste país. Este modelo precisa ser revisado e reformulado integralmente pelo bem do desenvolvimento do Brasil”.

CARTA DO PROFESSOR GUILHERME HORTA TRAVASSOS



GUILHERME HORTA TRAVASSOS
Professor do Programa de Engenharia de Sistemas e Computação (PESC) da Coppe/UFRJ

Com surpresa li a matéria na última edição do jornal da ADUFRJ de 8/7/2024 sobre resultados preliminares da avaliação de mérito no edital Pró-INFRA 2023 EXPANSÃO, onde meu nome foi citado como um dos

responsáveis por preparar recurso. Interessante não ter sido em momento algum procurado pelos responsáveis pela publicação. Caso ocorresse, conforme sugerido no bom jornalismo, teriam tido acesso ao projeto submetido. Eu me questiono se os autores da matéria ou mesmo os críticos anônimos e explícitos leram o projeto, o qual eu estive também na linha de frente de sua preparação por solicitação da PR-2. Para isso, contamos com a colaboração de diferentes atores internos, incluindo com destaque nossos profissionais da SGITIC.

Em momento que os resultados do edital ainda estão em processamento, me chama atenção o título da reportagem

e, mais ainda, a disponibilidade do parecer preliminar, acessível somente via sistema FINEP e colocado disponível de forma pública e destacada na matéria. Foram três editais FINEP, um deles voltado para projetos institucionais: Pró-Infra 2023 Expansão. Os outros dois receberam propostas de projetos de grupos de pesquisa específicos da UFRJ (por acaso participei da equipe de um deles), avaliados satisfatoriamente. Conforme objetivo do próprio edital Pró-Infra 2023 Expansão, este tem a intenção de “apoiar financeiramente a execução de projetos institucionais de expansão e desenvolvimento de infraestrutura de pesquisa e reforçar e consolidar a infraestrutura

de pesquisa em todo o País”, propício a apoiar a evolução da nossa capacidade de pesquisa coletiva, talvez este um elemento inesperado nas inúmeras submissões que temos realizado até então, consequência de comportamento individualista de décadas. Nossa visão de organização se perdeu ao longo dos anos, talvez efeito dos formatos de editais naturalmente fragmentadores. Se fosse em outro cenário, me arriscaria a dizer que nos habituamos a trabalhar no varejo, porém isso não mais escala tendo em vista os problemas que enfrentamos!

Para a construção da proposta realizamos uma consulta no início do mês de março de 2024 com a comunidade de pesqui-

sa da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), cujas respostas retratam a realidade vivenciada em toda a universidade. Essa consulta evidenciou problemas recorrentes e frequentes de conexão com a Internet, dificuldade em realizar atividades remotas (reuniões, palestras, dentre outras), baixa velocidade e intermitência de acesso à internet e sistemas administrativos da UFRJ, deficiência de sinal de Wi-Fi, falta de capacidade computacional e espaços de armazenamento, deficiência de sistemas de telefonia e queda frequente de energia. Esses problemas não contribuem para um ambiente favorável ao desenvolvimento científico e tecnológico da UFRJ.

NOTA DA REDAÇÃO: A reportagem ouviu o pró-reitor de Pós-graduação e Pesquisa, professor João Torres, coordenador do projeto encaminhado à Finep, que falou pela equipe.